

>> *Temática Especial*

O trabalho com a leitura em um livro didático de Língua Portuguesa destinado ao 5º ano das Séries Iniciais

Carla Giovana de Campos*

Resumo:

A formação leitora inicia-se, frequentemente, nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Além das visitas à biblioteca, teatros e contações de história, em um contexto no qual o fácil acesso ao livro literário não é a realidade da maioria, o livro didático torna-se, para muitos, a maior fonte de textos e possibilidades de leitura. Neste sentido, este trabalho buscou investigar como um livro didático de Língua Portuguesa destinado ao 5º ano das Séries Iniciais desenvolve o trabalho com a leitura e para a formação de leitores literários. Assim, a pesquisa promove a reflexão acerca de como e se os manuais didáticos possibilitam e contribuem, de fato, para a formação leitora e expressão da subjetividade do leitor nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, utilizou-se como referencial teórico autores como Lajolo e Zilberman (1999), Jouve (2002), Colomer (2007) e Lima (2016). Os resultados apontam para a necessidade de que se dedique mais atenção ao modo como se desenvolvem as propostas de atividades de leitura.

Palavras-chave:

Leitura. Livro Didático. Ensino Fundamental I.

The work with reading in a Portuguese language textbook for the 5th year elementary school

Abstract: *Reading practice often begins in the early grades of elementary school. In addition to visits to the library, theaters and storytelling, in a context in which easy access to literary books is not the reality for most, the textbook becomes, for many, the greatest source of texts and reading possibilities. In this sense, this work sought to investigate how a Portuguese language textbook for the 5th year of the Initial Series develops its work with reading and for the formation of literary readers. Thus, the research promotes reflection on how and if textbooks enable and contribute, in fact, to the reader formation and expression of the reader's subjectivity in the initial grades of elementary school. For this purpose, authors such as Lajolo and Zilberman (1999), Jouve (2002), Colomer (2007) and Lima (2016) were used as theoretical references. The results point to the need to pay more attention to the way in which the proposed reading activities are developed.*

Keywords: *Reading. Textbook. Grade elementar school.*

* Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Mestra em Estudos da Linguagem (UEL) e Especialista em Língua Portuguesa (UEL). E-mail: prof.carlacampos@uel.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3304-8938>.

El trabajo con la lectura en un libro de texto de lengua portuguesa para el quinto año de los grados iniciales

Resumen: *El entrenamiento en lectura a menudo comienza en los primeros grados de la escuela primaria. Además de las visitas a la biblioteca, los teatros y la narración de cuentos, en un contexto en el que el fácil acceso a los libros literarios no es una realidad para la mayoría, el libro de texto se convierte, para muchos, en la mayor fuente de textos y posibilidades de lectura. En este sentido, este trabajo buscó indagar cómo un libro de texto de lengua portuguesa para el quinto año de la Serie Inicial desarrolla su labor con la lectura y para la formación de lectores literarios. Así, la investigación promueve la reflexión sobre cómo y si los libros de texto posibilitan y contribuyen, de hecho, a la formación del lector y la expresión de la subjetividad del lector en los grados iniciales de la escuela primaria. Para ello se utilizaron como referencias teóricas autores como Lajolo y Zilberman (1999), Jouve (2002), Colomer (2007) y Lima (2016). Los resultados apuntan a la necesidad de prestar más atención a la forma en que se desarrollan las actividades lectoras propuestas.*

Palabras clave: *Lectura. Libro de texto. Grados iniciales.*

Introdução

É de comum acordo entre educadores, pais, mídias, veículos da imprensa e grande – mas não toda – parcela da sociedade, que a leitura desempenha papel central na formação humana. Alguns diriam que por questões relacionadas diretamente ao estudo, à alfabetização e ao desempenho escolar, e outros afirmam que a leitura literária tem função humanizadora (CANDIDO, 1995), por isso, essencial a todos.

Também já é de praxe que escolas cobrem de seus alunos a leitura e reforcem o quanto é importante o hábito de ler, principalmente nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Entretanto, por diversos motivos, são frequentes as situações em que ler tornou-se sinônimo de obrigação e avaliação, além da visão distorcida de que se trabalha leitura fazendo com que o aluno leia em voz alta um enunciado ou um parágrafo de texto. Assim, o bom trabalho com a leitura parece tornar-se cada vez mais difícil de se realizar nas escolas, ficando muitas vezes restrito a práticas propostas pelos livros didáticos.

Nesse sentido, falaremos sobre as possibilidades apresentadas pelo livro didático, considerando-o como uma das ferramentas de ensino muito utilizadas pelos professores para com a leitura no Ensino Fundamental I. Definimos como objetivo para esse artigo investigar se as atividades propostas pelo livro contribuem para a formação de leitores, possibilitado pelo trabalho com a subjetividade do leitor. Para isso, fundamentamo-nos em autores como Lajolo e Zilberman (1999), Jouve (2002), Colomer (2007) e Lima (2016).

A leitura

Ao longo dos anos, os estudos sobre a leitura desenvolveram-se sobre diferentes perspectivas. Inicialmente compreendida como a simples decodificação de códigos e a recepção passiva de um conteúdo, aos poucos as discussões sobre a leitura levaram a uma mudança de olhares, passando a ser entendida como produção, construção e negociação de sentidos complexa, a partir de reflexões propostas por autores como Cândido (1995), Freire (2001) e Jouve (2002).

O estudo da leitura ampliou-se, envolveu questões maiores e expandiu-se de modo a ser necessário extrapolar os estudos linguísticos, fazendo empréstimos e aproximações de outras ciências. Para Jouve (2002, p. 144), “são as diferentes disciplinas que compõem as ciências humanas (Sociologia, História, Psicologia etc.) que, depois, devem explicar como cada leitor assimila essa parte intersubjetiva da leitura”.

Com esse crescente olhar nos estudos voltados à leitura, surge o interesse pelas investigações a respeito da recepção do texto. Destacam-se, então, correntes como a Escola da Constância, com a estética da recepção e a teoria do leitor implícito, as análises semiológicas e a teoria do leitor real.

Entre as investigações a respeito das teorias da recepção, está a consideração de que cada leitor, com suas bagagens e compreensões, recebe um mesmo texto de modo distinto. O leitor estabelece com o texto uma relação quase dialógica, pois insere nele sua própria voz, interpretações, ao mesmo tempo em que recebe efeitos diferentes, “é uma via de mão-dupla” (MARCUSCHI, 1996, p. 74).

Desse modo, nessa relação entre texto-leitor, a subjetividade aponta como aspecto de grande influência para os sentidos apreendidos e inúmeras possibilidades de leituras. Para Jouve (2002, p. 19), a leitura perpassa por cinco dimensões, sendo uma delas a afetiva, pois, “se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente – talvez, sobretudo – sobre sua afetividade”.

A leitura, portanto, está ligada diretamente às emoções que fazem emergir, de modo que o “engajamento afetivo” torna-se essencial à leitura. Esse engajamento afetivo estabelecido com uma obra pode dar-se por diferentes motivos, pois a identificação do leitor com o texto perpassa sua subjetividade.

Essa relação entre texto-leitor começa a ser construída desde cedo, antes mesmo da alfabetização, com a leitura do mundo (FREIRE, 2001), mas é ao ser inserida no mundo letrado que o indivíduo “começa a vislumbrar certa autonomia em relação à escrita, é definidor do seu lugar enquanto leitor” (LIMA, 2016, p. 143). Muito frequentemente, essa inserção no mundo letrado ocorre mediada pelas páginas dos livros didáticos, nas escolas, sobre o que falaremos a seguir.

A leitura na escola e o livro didático

No processo de formação de leitores, principalmente quando essa formação tende a ser construída com mais ênfase nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental, é importante que o professor assuma o papel de mediador, ou seja, daquele que “intervém, aproxima o leitor do texto” (MUNIZ; OLIVEIRA, 2014, p. 47), que auxilia a construção da relação entre o leitor e a leitura, estimulando e ampliando os horizontes leitores. Isso já que, o aluno, ainda que com um enorme potencial, pois “a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra [...]” (FREIRE, 2001, p. 13), precisa de um par que o oriente, mostre caminhos e proporcione condições para a seu melhor desenvolvimento leitor, observando e refletindo aspectos que, em uma leitura sozinha, poderiam passar despercebidos.

Colomer (2007) também fala sobre a necessidade de que ocorra o compartilhamento entre alunos e professores. De acordo com a autora, a leitura compartilhada é a base da formação de leitores, já que:

[...] compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, estabelecer um caminho a partir da concepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade cultural que interpreta e avalia. A escola é o contexto de relação onde se constrói essa ponte e se dá às crianças a oportunidade de atravessá-la. (COLOMER, 2007, p. 147).

Na escola, a leitura compartilhada pode ser o caminho essencial para formar leitores, pois nela se reflete, debate e negociam sentidos. A troca entre uma comunidade amplia os horizontes de leitura e atribui ao indivíduo a sensação de pertencimento a um grupo, “pelo prazer de fazer parte de um tipo de coletivo envolvido num mesmo fazer, numa mesma busca” (LIMA, 2016, p. 146).

Além disso, o compartilhamento pode ser uma boa estratégia para driblar a precariedade enfrentada pelo sistema educacional brasileiro. As leituras podem ser feitas em duplas, em rodas de debate, em visitas à biblioteca escolar ou mesmo com contações de história, de modo que a falta de um exemplar para cada aluno não se configure como uma barreira intransponível.

O problema de acesso aos livros literários, entretanto, é uma realidade do cenário nacional e, por esse motivo, “a política de distribuição de livros didáticos e de objetos de leitura, principalmente em certas localidades mais distantes, onde os resultados de uma formação docente de qualidade

tendem a chegar mais tardiamente, não é de todo ruim ou equivocada” (LIMA, 2016, p. 160). Além disso, os livros didáticos distribuídos às escolas são, algumas vezes, para os estudantes, o único livro com o qual terão contato e uma oportunidade para a leitura (MARTINS, 1988).

De acordo com Lajolo e Zilberman (1999), o livro didático, primo-pobre da literatura e rico das editoras, pertence a um mercado em constante crescimento, já que é fundamental às escolas, incentivado pelo governo e pelos envolvidos com o contexto educacional. Somado a isso, o livro didático ainda “[...] é poderosa fonte de conhecimento da história de uma nação, que, por intermédio de sua trajetória de publicações e leituras, dá a entender que rumos seus governantes escolheram para a educação, desenvolvimento e capacitação intelectual e profissional dos habitantes de um país” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 121).

As autoras também falam sobre sua influência, que acompanha todas as etapas da vida escolar, de modo que “[...] talvez mais ostensivamente que outras formas escritas, forma o leitor” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 121). Sendo muitas vezes a única fonte de contato com a leitura, o livro didático é frequentemente alvo de críticas, de reflexões e de estudos por diferentes pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento.

No que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa, já se tornaram comuns as críticas sobre a abordagem gramatical e o trabalho com a sociolinguística. Entretanto, considerando a leitura uma grande preocupação e uma responsabilidade da disciplina, os estudos voltados a esse aspecto não podem ser deixados de lado.

Autores como Marcuschi (1996) e Geraldi (2006) já apontaram a necessidade de se rever o trabalho que os livros didáticos, e todo rico mercado editorial, desenvolvem com a leitura. Para Marcuschi, os livros didáticos apresentam grandes falhas em suas atividades de leitura, pois:

1. supõem uma noção instrumental de linguagem e imaginam que a língua funciona apenas literalmente como transmissora de informação; 2. supõem que os textos são produtos acabados que contêm em si objetivamente inscritas todas as informações possíveis e 3. supõem que compreender, repetir e memorizar são a mesma coisa, ou seja, compreender é identificar informações textuais objetivas. (MARCUSCHI, 1996, p. 76).

Os livros didáticos, com esse tipo de exercícios de leitura, acabam tornando-se “[...] manuais da ignorância; mais inibem do que estimulam o gosto de ler” (MARTINS, 1988, p. 26). Esses problemas acontecem, pois, se desconsideram as questões afetivas e subjetivas de cada leitor.

Os exercícios partem do princípio de que haverá sempre uma resposta certa, padrão para todos os leitores, de modo a se desconsiderar as individualidades de cada aluno, que se refletem em suas leituras. Para Martins, as atividades são propostas, quase sempre, “[...] de modo a transmitir uma visão de mundo conservadora, repressiva, tais livros estão repletos de falsas verdades, a serviço de ideologias autoritárias, mesmo quando mascarados por recursos formais ou temáticos atuais e não conservadores” (MARTINS, 1988, p. 26).

A preocupação com leituras padronizadas e moralizadoras dentro dos livros didáticos, acaba por afastar o aluno da leitura, criando repulsa, desinteresse e, às vezes, até mesmo a sensação de incapacidade diante da atividade de leitura. Assim, instaura-se um quê de exclusão das subjetividades na formação leitora.

Ao analisar o trabalho realizado com a leitura em livros didáticos destinados ao 1º e 2º ano das Séries Iniciais, Lima (2016) destaca a urgência de

[...] rever os pressupostos que viabilizam a distribuição de materiais cuja qualidade mostra-se questionável do ponto de vista da formação do leitor. E, por outro lado, vale ressaltar a necessidade de uma revisão dos argumentos teóricos e mesmo ideológicos que têm matriciado boa parte da produção metodológica do ensino de leitura para um campo em que se exila qualquer possibilidade de criticidade, criatividade e subjetividade. (LIMA, 2016, p. 160).

Isto posto, considerando a leitura como um processo subjetivo complexo, de negociação de significados, parece-nos importante refletir sobre como ela se desenvolve nas escolas, possibilitada pelos livros didáticos, considerando a realidade heterogênea das salas de aula brasileiras.

Metodologia

Partindo da ideia de que no Ensino Fundamental I o contato com a literatura parece ainda estar mais ligado ao prazer do que à obrigação e, que as séries finais de cada ciclo possuem grande importância para preparar o aluno ao novo nível de estudo que se seguirá, propomos aqui a análise de um livro didático de Língua Portuguesa destinado ao 5º ano das Séries Iniciais.

Buscamos inicialmente identificar e quantificar os textos literários apresentados em propostas de leitura e de interpretação. O livro em questão é composto de oito unidades, cada uma delas organiza-se sempre com uma abertura, seguido da apresentação de um texto e dos momentos “Para compreender o texto”, no qual reconhecemos a tentativa de se desenvolver um trabalho com a leitura e “Para falar e escrever melhor”, no qual se desenvolve o trabalho com a gramática da língua.

Nos momentos “Para falar e escrever melhor”, o livro apresenta, em algumas unidades, fragmentos de textos literários ou de gêneros de esferas do cotidiano. Em nossa análise não consideramos esses textos, pois se trata do uso como pretexto para o trabalho com a gramática tradicional. Focamos, portanto, nossa investigação nos momentos “Para compreender o texto”, com o objetivo de compreender como se desenvolve o trabalho com a leitura.

Fizemos, então, um levantamento quantitativo a respeito dos textos literários utilizados no livro. Encontramos, na unidade 1, uma crônica e três poemas visuais, na unidade 2, um trecho de uma peça teatral, na unidade 6, um conto de enigma, e, na unidade 8, um apólogo adaptado. Desse modo, entre integrais, trechos e adaptações, totalizaram-se sete textos literários destinados ao trabalho com a leitura.

Ainda que, como destaca Lima (2016, p. 158) “as propostas de leitura do texto literário são uma fatia irrisória do conteúdo” dos livros didáticos, é preciso levar em consideração que quantidade não é qualidade. Assim, fizemos uma análise qualitativa das propostas realizadas a partir desses textos, para que seja possível avaliar o trabalho com a leitura.

Análise e discussão

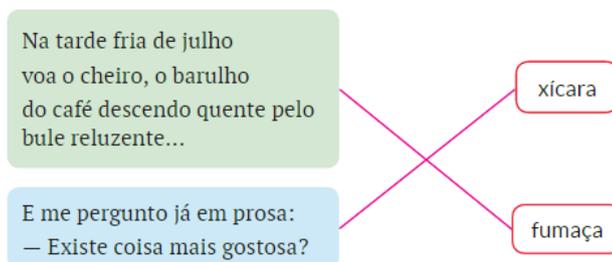
Na unidade 1 do livro didático analisado, a crônica apresentada é *O torcedor*, de Drummond. Inicialmente é solicitado que o aluno, após a leitura, identifique e registre no livro as palavras que desconhece, pesquisando em dicionários e conversando com os colegas sobre o significado delas. Em seguida, o aluno precisa *responder* algumas questões simples, como onde estava o personagem e quem participava da história, *refletir* sobre algumas características do gênero e *responder* a questões de linguagem. Tratam-se de perguntas com respostas padronizadas e que não abrem espaço para a subjetividade leitora.

Ainda na unidade 1, o livro apresenta poemas visuais de Adriano Bitarães Netto, Fábio Sexugi e Gastão Debreix. Novamente o trabalho de leitura fica reduzido a questões que não possibilitam as leituras subjetivas dos alunos, assumindo a visão distorcida de que “o texto é fechado e a leitura também” (LIMA, 2016, p. 143). Após uma série de questões sobre a forma dos poemas, são feitas questões de linguagem ou de simples cópias de trechos.

Na imagem a seguir é possível observar um exemplo de atividade proposta em que se desconsidera toda a riqueza de possibilidades a serem trabalhadas a partir de um poema visual, ao se solicitar que o aluno apenas ligue o texto à imagem que ele forma, sem propor qualquer reflexão crítica. O trabalho desenvolvido não explora todo o potencial do texto apresentado aos alunos, nem mesmo estimula o desenvolvimento potencial dos estudantes como leitores.

Figura 1 – Exercício poema visual

- 5) Releia os versos do poema 2 e relacione-os ao desenho que eles representaram no poema.



Fonte: Editora Moderna (2018, p. 29).

Na unidade 2 o livro apresenta três cenas de um texto teatral, *A linha mágica*, de Sean Taylor. Após a apresentação do texto são feitas algumas perguntas para discussão com a turma; como o que acontecerá com o personagem; quais gestos a personagem teria feito ao pronunciar determinadas falas; quais são os personagens da peça; e como é possível perceber a mudança de cenários entre as cenas. Feitas as perguntas iniciais, o livro parte, mais uma vez, para questões de linguagem que nada contribuem para a leitura e os sentidos do texto, como se pode observar abaixo.

Figura 2 – Exercício texto teatral

- 10) Leia estas falas e observe as palavras destacadas.

Pedro – Vou fazer depois. **A gente** se vê amanhã. Eu vou lá.

Pedro [...] – **Cadê** minha pipa? Ela caiu? Alguém viu minha pipa por aqui?

- a) Pedro usa uma linguagem do dia a dia, mais informal, para falar com Lisa. Você acha que essa linguagem combina com a personagem? Por quê?

- b) Substitua as palavras destacadas por outras em linguagem mais formal.

Pedro: Vou fazer depois. Nós nos vemos (ou veremos) amanhã. Eu vou lá. Onde está minha pipa? Ela caiu? Alguém viu minha pipa por aqui?

Fonte: Editora Moderna (2018, p. 45).

A peça teatral utilizada no livro conta a história de Pedro, um menino que recebe a “linha da sua vida”, de forma que pode avançar no tempo, pulando etapas pelas quais não quer passar. Trata-se de um texto com o qual o aluno poderia identificar-se por mostrar angústias e ansiedades próprias da pré-adolescência, fase da vida na qual está. Porém, o livro não propõe reflexões sobre essa questão. Os estudantes poderiam ser levados a refletir se identificam-se com o protagonista e, assim como ele, gostariam de poder controlar sua linha da vida ou ainda sobre quais dos momentos que ainda viverão despertam ansiedade, insegurança ou expectativas.

Na unidade 6, o livro apresenta o conto de enigma *O incrível enigma do galinheiro*, de Marcos Rey. Seguindo as estruturas anteriores, o livro sugere questões para discussão com a turma, como: qual é o mistério; quem são os suspeitos; e se os alunos conhecem o detetive Sherlock Holmes, citado no texto. Depois, os alunos precisam preencher uma tabela com informações retiradas da narrativa, como observado abaixo.

Figura 3 – Exercício conto de enigma

- 2) Identifique os elementos do conto.

Enigma	
Vítima	
Culpado	
Detetive	
Pistas	
Solução do enigma	

Fonte: Editora Moderna (2018, p. 133).

Após algumas questões sobre aspectos estruturais do gênero conto, o livro apresenta outra vez questões de linguagem, solicitando, por exemplo, que o aluno justifique o uso de repetições em um trecho e que o reescreva eliminando-as.

Na unidade 8, o livro utiliza de um apólogo adaptado, de autor desconhecido, *Assembleia na carpintaria*. Após a apresentação do texto, são propostas questões para discussão, como: o que é uma assembleia, qual a motivação dela e quais são os personagens. Na sequência o aluno precisa preencher duas tabelas com as opiniões e com os argumentos apresentados por cada personagem do apólogo.

Figura 4 – Exercício apólogo

- 4) Complete a tabela de acordo com o texto.

Personagem(ns)	Opinião		Argumento
	O martelo deveria renunciar à presidência.	→	Fazia muito barulho e passava todo o tempo golpeando.
	O parafuso deveria ser expulso.	→	
		→	Era áspera no tratamento com os demais e entrava em atritos.
		→	Media os outros segundo sua medida e se achava perfeito.

Fonte: Editora Moderna (2018, p. 179).

O aluno precisa, ainda, identificar o ensinamento do texto e dizer se concorda com ele. Por fim, é apresentada uma questão de linguagem em que se deve refletir o sentido atribuído à algumas palavras.

Ainda nas unidades 1 e 6, o livro apresenta um pequeno espaço chamado “Ler por prazer”, que, em um primeiro momento, aparenta ser destinado a ouvir mais a voz e as leituras individuais dos alunos. Entretanto, são feitas perguntas não muito motivadoras e, ainda, que podem ser respondidas com um simples “sim”.

Figura 5 – Ler por prazer unidade 1



11 Converse com os colegas.

- Ao ler o conto, você tentou descobrir quem era o culpado? Você acertou?

Fonte: Editora Moderna (2018, p. 30).

A seção “Ler por prazer” inicia-se sempre com o enunciado “Converse os colegas”, o que sugere discussão e troca de experiências, no que se configura, para Colomer (2007), como “rotinas de construção compartilhada”. Entretanto, isso não ocorre, pois todos os questionamentos sugeridos podem ser respondidos individualmente e não instigam a troca e o compartilhamento entre os leitores.

Figura 6 – Ler por prazer unidade 6



10 Converse com os colegas.

- a) Você gosta de ler poemas?
- b) O que achou de ler poemas que formam desenhos com palavras?
- c) De qual poema gostou mais?



Fonte: Editora Moderna (2018, p. 179).

Reiteramos que, para essa análise, focamos apenas nas seções “Para compreender o texto” do livro didático, pois entendemos ser esse um espaço utilizado especificamente para o trabalho com a leitura. Percebemos, entretanto, que em alguns momentos, a gramática e as questões da língua tomam mais espaço, sem necessariamente contribuir para a reflexão sobre os sentidos dos textos.

A análise realizada reforça aspectos pontuados por Lima (2016) em uma investigação de livros destinados ao 1º e 2º anos das Séries Iniciais. A autora percebe que os livros didáticos também não apresentam atividades que estimulem a construção de comunidades leitoras, mantendo o leitor isolado em uma apreensão literal do texto e, na maior parte das vezes, centrado em uma abordagem que focaliza a leitura para apropriação do código alfabético.

Além disso, encontramos atividades que reforçam as quatro categorias apresentadas por Marcuschi (1996), quais sejam: a) perguntas respondíveis sem a leitura do texto; b) perguntas

não-respondíveis, mesmo lendo o texto; c) perguntas para as quais qualquer resposta serve; e d) perguntas que só exigem exercício de caligrafia.

É possível, ainda, notar a utilização dos textos literários para a caracterização do gênero, muito mais que para a leitura. Também não encontramos atividades que permitissem leituras subjetivas ou a expressão de afetividades.

Os alunos que encontram no livro didático a única ponte para o texto literário são apresentados a um pequeno recorte de textos que não são explorados em seu potencial e não contribuem, necessariamente, para a formação do leitor. Essas ausências aumentam a responsabilidade do professor como mediador da leitura, que precisará completar as lacunas do material para estimular seus estudantes e buscar diferentes estratégias e momentos para que possam expressar suas subjetividades leitoras.

Considerações finais

O Ensino Fundamental Séries Iniciais apresenta-se, para muitos, como o primeiro espaço, quando não o único, para formação leitora. Para essa formação, é preciso muito mais do que apenas o domínio e a decodificação do código, é necessário, também, e talvez até mais importante, a vinculação afetiva com o que se lê. Dessa forma, faz-se necessário a preocupação com a afetividade e com a subjetividade leitora, para que todo o processo se torne realmente significativo.

A partir da investigação aqui realizada, percebemos que o livro didático analisado neste artigo não possibilita a expressão individual do aluno, de modo a não ser um exemplar efetivo para a formação de leitores. Considerando o fato de que o livro em questão é destinado ao 5º ano do Ensino Fundamental I, percebemos diversas lacunas deixadas por esse ciclo escolar no que diz respeito a formação leitora, que dificilmente serão sanadas no próximo ciclo, o Ensino Fundamental II, considerando a necessidade da formação do hábito leitor.

Ainda que o livro didático analisado trabalhe com textos da esfera literária, como os poemas visuais, contos, crônicas e o texto teatral, a condução sugerida para a leitura dos textos não contribui necessariamente para a formação do leitor literário, ou mesmo para o incentivo à leitura literária. Além disso, as propostas não instigam a troca e a partilha de conhecimentos, de modo a não contribuir para a formação de comunidades leitoras, que possibilitam espaços de debate e de reflexão, para a ampliação dos horizontes de leitura e para a negociação de sentidos.

Sendo, em vista do que discutimos aqui, o livro didático uma das principais ferramentas disponíveis na escola para a formação de leitores, é urgente que se dedique mais atenção ao modo como se desenvolvem as propostas de atividades de leitura. Vale ressaltar, por fim, que este trabalho teve a intenção de mostrar a necessidade de um olhar mais atento para o tratamento ao incentivo à formação leitora pelos livros didáticos ao final das Séries Iniciais. Reconhecemos a importância desses materiais, de modo que não temos a intenção de desqualificá-los, mas sim de evidenciar as possibilidades de melhorias.

Referências

- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COLOMER, Tereza. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- EDITORA MODERNA (org.). *Buriti Plus Português*. 5. ed. São Paulo: Moderna, 2018.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 2001.
- GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- JOUVE, Vincent. *A leitura*. Tradução: Brigitte Hervot. São Paulo: Unesp, 2002.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999.
- LIMA, Sheila Oliveira. Leitura literária no ciclo 1 do Ensino Fundamental: o livro didático como deflagrador de leitores precários. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, v. 26, n. 52, p. 141-161, 2016.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. Exercícios de compreensão ou de cópiação nos manuais de ensino de língua. *Em aberto*, Brasília, DF, ano 16, n. 69, p. 64-82, jan./mar. 1996.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?* 9. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- MUNIZ, Dinéia Maria Sobral; OLIVEIRA, Jeovana Alves de Lima. Mediadores sociais de leitura: pontes para experiência literária. *Ponto de Acesso*, Salvador, v. 8, n. 2, p. 43-60, ago. 2014.

Data de submissão: 04/01/2022

Data de aceite: 09/04/2022